

**CONFERÊNCIA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO
“INVESTIMENTO EMPRESARIAL E CRESCIMENTO
DA ECONOMIA PORTUGUESA”**

Coimbra, 20 de abril de 2018

Em dezembro passado tivemos oportunidade de fazer, na Universidade do Minho, uma primeira apresentação do estudo “Investimento Empresarial e Crescimento da Economia Portuguesa”. Este estudo resultou de uma iniciativa do Senhor Presidente da República, organizada pela FCG e apresenta interessantes contribuições para a análise do investimento empresarial em Portugal.

A discussão que então tivemos não esgotou o tema. Nem podia ter esgotado. O investimento joga um papel central nas nossas economias, quer a nível macro quer microeconómico, particularmente relevante para Portugal cuja economia precisa de crescer para permitir que todos os portugueses possam ver aumentados os seus níveis de prosperidade e bem-estar.

Permitam-me que partilhe convosco algumas considerações sobre o assunto. Começo por **situar a questão do investimento no quadro da evolução da economia portuguesa.**

A taxa de investimento em Portugal (percentagem do investimento no PIB) tem tido uma evolução algo preocupante neste século XXI. De 28% em 2000 foi diminuindo

sustentadamente até 2010 em que se situou em 20, 5% do PIB¹. **Uma redução de 8 pontos percentuais em 10 anos, antes do programa de ajustamento!** A diminuição acentuou-se com a recessão, tendo o nadir sido atingido em 2014 quando a taxa de investimento foi de 14,8%. De então para cá tem vindo a aumentar, com exceção de 2016; em 2018 deverá aproximar-se de 17%, valor no entanto ainda abaixo do registado em 2011!

Esta evolução foi partilhada, no fundamental, pelo investimento privado e pelo **investimento público**. Quanto a este, que representa uma pequena fração do investimento total, **os valores mais baixos verificaram-se em 2016 e 2017 (taxas de respetivamente 1,5 e 1,6%) ou seja, após o programa de ajustamento.**

Há pois ainda um grande caminho a percorrer para que o investimento volte a valores que potenciem um crescimento mais rápido. De facto, é inquestionável que o investimento, nomeadamente o investimento privado, tem de continuar a crescer em Portugal. As políticas públicas devem pois ser orientadas em duas direções que se reforçam mutuamente: por um lado, criar incentivos aos “drivers” do investimento privado, por outro, remover os obstáculos ao investimento. Ou seja, políticas públicas viradas para a reforma económica.

Os obstáculos ao investimento privado prendem-se, no fundamental, com o funcionamento das administrações

¹ Os números referentes ao investimento provêm de European Economy, Economic Forecasts Autumn 2017, Statistical Annex.

públicas, por exemplo a burocracia (o “business environment”) e o funcionamento do sistema de justiça. Penso que todos estaremos de acordo com isto, o que não quer dizer que não haja ainda muito a fazer. Não vou por isso alongar-me, hoje, sobre estes pontos. Embora tenha de confessar que, infelizmente, entre nós haver consenso não significa ação, às vezes até pelo contrário.

Vou antes focar-me em dois temas com relevância para o crescimento económico em Portugal: a demografia e o capital humano. Estão ligados entre si e têm implicações diretas sobre o investimento.

Começemos pela demografia. Portugal tem uma população envelhecida e a tendência é para continuar a envelhecer. O envelhecimento, por si só, é um desenvolvimento positivo: ter mais anos de vida à minha frente para poder gozar dos filhos e netos (quicá bisnetos...) é uma boa perspetiva.

O problema é que se a sociedade não se adaptar ao envelhecimento então a consequência é que o nível de bem estar geral diminui. Em termos mais técnicos: o envelhecimento da população pode levar a uma redução do crescimento potencial.

Foram recentemente publicadas projeções demográficas para Portugal e demais países da União Europeia². **Os números**

² European Commission, Ageing Report, November 2017.

para Portugal não nos deixam muito tranquilos. O rácio de dependência dos idosos³ situava-se em 32,1% em 2016 (três ativos para um dependente), contra 29,9 % na EU, projetando-se que continue a aumentar: lá para 2030 o rácio estará em 50% (dois ativos para um dependente). **A taxa de fertilidade em 2016 (1,34)** foi uma das mais baixas da UE27⁴ (1,55) e as projeções indicam que tal continuará a ser o caso. Ainda de acordo com aquelas projeções a população portuguesa continuará a diminuir, passando para baixo da barra dos 10 milhões em 2030.

Tudo isto pode conduzir a uma diminuição do produto potencial. Para o evitar é necessário atuar em várias frentes, das quais destaco o aumento das **taxas de participação** e da **produtividade**. Aumentar a taxa de participação significa trazer mais gente ao mercado de trabalho, nomeadamente as mulheres. Ou seja, haver mais gente a trabalhar. Uma diminuição dos custos indiretos do trabalho por certo contribuiria para aumentar as taxas de participação.

Este aumento, por seu turno, induziria as empresas a aumentar o emprego e a produção, o que seria conseguido através de um aumento do investimento. Ou seja, responder ao choque demográfico do envelhecimento será também um “investment driver” para as empresas.

³ Percentagem da população com 65 ou mais anos em relação à população entre 15 e 64 anos de idade.

⁴ Não inclui o Reino Unido.

Outro exemplo é o da produtividade. Se formos cada vez menos a trabalhar então, e não alterarmos o produto por unidade de trabalho então a produção global diminui. Viveremos pior. **Ou seja, é necessário que os que trabalham produzam mais como mesmo esforço.**

Como aumentar a produtividade? Ao nível da empresa, racionalizando processos, aumentando a eficiência e, não menos importante, proporcionando aos trabalhadores *dentro da empresa* a respetiva formação profissional, ou seja melhorando o capital humano da empresa. Tudo isto requer investimento, muito dele em intangíveis, como modelos de gestão, softwares, conhecimento em geral etc. Embora sendo intangíveis estes bens têm de ser adquiridos ou seja, requerem despesa de investimento.

Naturalmente, a formação profissional *fora da empresa*, nomeadamente daqueles que estão sem emprego, contribui também o aumento, potencial, da produtividade.

Por seu turno, está bem estabelecido que, ao nível dos mercados, de produtos e serviços uma sã concorrência entre empresas conduz a um aumento da produtividade.

Em suma, políticas que visem aumentar as taxas de participação e a produtividade para fazer face ao desafio do envelhecimento da população são também políticas a favor do investimento.

Finalmente, umas palavras sobre investimento em capital humano. Estando em Coimbra, com as responsabilidades que teve e que tem enquanto local de criação e difusão do saber, não me perdoaria a mim mesmo se não abordasse esta questão.

Na contabilidade nacional o conceito de investimento é a formação bruta de capital fixo, não englobando portanto o investimento em capital humano. Que é da maior importância. **Sem aumento e melhoria do capital humano a formação de capital fixo não conduz ao desejado aumento da produção.**

Quer isto dizer que a Educação, no seu sentido mais amplo, é condição necessária para um crescimento sustentado. Uma população pouco “educada” pode até, em particular nesta época de enormes desenvolvimentos tecnológicos, ser um entrave ao investimento. Não podemos deixar que isso aconteça.

Sei bem que estas ideias podem parecer ideias feitas. Mas nunca é demais repisá-las. Passar da retórica à ação não é uma tarefa simples, como tive oportunidade de dizer quando abri a primeira conferência sobre este Estudo em dezembro passado. **Aguardo com interesse a discussão que se vai seguir.**

Isabel Mota